

# GENEALOGIA

## FAMÍLIA QUEIROZ-FERREIRA, DE BEBERIBE. OS FACÓS. LIBERAIS E REPUBLICANOS

BOANERGES FACO

### V I I

Tenho consignado através destas páginas de Genealogia que os três primeiros portugueses, Manuel Pereira de Queiroz, vindo para o Brasil em 1630, Antônio Duarte de Queiroz, em 1685, e Inácio Pereira, de Queiroz Lima, em 1710, foram cidadãos de todo pacíficos, que viveram para as suas famílias e haveres, sem que jamais se envolvessem na política daquém e dalém mar que nos dias de vida dêles constituía uma só e mesma cousa.

É que lá e cá as idéias e princípios de Estado, de Religião e de Família eram conservadores e contrários a quaisquer movimentos liberais, republicanos ou revolucionários em qualquer dos setores da vida humana.

Portugal, metrópole, mantinha-se católico e conservador, e o Brasil, colônia, tinha de manter a mesma linha, que lhe ditaram as autoridades, civis e eclesiásticas, que lhe enviava a Península, emanadas de Lisboa ou de Madrid. No ano de 1789, porém, arrebentou, na velha França, embora filha primogênita da Igreja, num combate sem tréguas aos princípios e idéias existentes no campo da política, da religião e da filosofia, idéias e princípios a que não eram alheias outras na-

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

ções cristãs da Europa, católicas ou protestantes, ortodoxas ou heterodoxas, a Revolução.

Assim é que José II da Áustria, filho da católica e absolutista Maria Teresa, era adepto da filosofia do XVIII século que preparou a Revolução que levou Maria Antonieta, sua irmã, à guilhotina (16.10.1793). Frederico II da Prússia, violento e absolutista, que chamava Voltaire à côrte de Potsdam, como o maior gênio dos séculos. Catarina II da Rússia, despótica, ninfomaníaca e sanguinária, que enchia o mesmo Voltaire de valiosos presentes, que recebia Diderot na sua côrte, o mesmo não fazendo com D'Alembert, porque êste lhe temia a segurança pessoal. O próprio Portugal, com Pombal, violento e despótico, embora adepto dos novos princípios e idéias, promovia a chacina dos Marqueses de Távora e família.

Grande contradição dêsses testas coroadas, porque os filósofos que combatiam a sociedade de sua época, fôsse Voltaire ou Rousseau, Diderot ou D'Alembert, Montesquieu ou Enciclopedistas, ou de qualquer outro matiz político, filosófico ou econômico, combatiam o despotismo e o absolutismo fôssem monárquicos ou religiosos. . .

Dos casais da Serra Azul, Antônio Pereira de Queiroz e Helena de Oliveira Maciel, do Quixinxé, Baltasar Lopes Barreira e Antônia de Sá Barbosa, descenderam novos casais, dignos e valorosos, que povoaram pontos diversos do nosso querido Ceará. Assim é que Antônio Pereira de Queiroz Lima e Leandra Maria Lopes Barreira fundaram a "Casa-Forte", José de Queiroz Lima e Inácia Lopes da Costa fizeram a sua trincheira de liberdade no "Riacho-Fundo", Inácio Lopes Barreira e Joana Batista de Queiroz fundaram o seu núcleo de resistência ao despotismo no Tapuiará, espalhando todos a centelha da liberdade e da independência nos seus domínios. E novos núcleos de resistência ao despotismo coroados foram se organizando e desenvolvendo, à medida que se sucediam as gerações que tinham as suas origens na Casa-Forte, no Riacho-Fundo, no Tapuiará e noutras trincheiras da liberdade em que se formavam os combatentes dos movimentos liberais, pela independência e pela república. Por isso José Facó, cantando a figura excelsa de Tristão Gonçalves, diz que

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

*“O canto da liberdade  
Repetiu-se na cidade  
Ecoou na imensidade,  
Acendeu todo o sertão.”*

Ante êsse destemor e virtudes cívicas dêsses nobres e sinceros idealistas, de que faziam parte os Queirozes e muitos outros amantes da liberdade e da independência, já tive de escrever: — Na “república do Equador” o Ceará teve a parte de leão do movimento. Constituiu-se em “Estado federado”, depois o “presidente constitucional”, proclamou o “governo republicano”, organizou “juntas governativas”, arvorou “bandeira própria” e elegeu seu presidente, o destemido Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, enquanto Pais de Andrade, em Pernambuco, se retirou da luta como observa Araripe Júnior.” (Rev. do *Instituto do Ceará*, 1957, págs. 104-105.)

A patriótica e liberal Família tomou parte em todos os movimentos de liberdade e independência, do primeiro quartel do século passado no Nordeste.

O patriarca da Casa-Forte, Antônio Pereira de Queiroz Lima, homem cheio de virtudes cívicas e domésticas, ligou-se aos Alencares desde o início dêsses heróicos e espartanos movimentos. Assim é que na revolução nativista de 1817 foi a sua ação calma e ponderada que alicerçou a futura e forte aliança entre as duas famílias, razão por que já tive de escrever: — Na passagem da escolta (conduzia os Alencares presos) pela ribeira do Sitiá, estavam reunidos na Casa-Forte, fazenda de criar de meu trisavô Antônio Pereira de Queiroz Lima, vários membros da família Queiroz, que se achava inteiramente integrada nas idéias e princípios do liberalismo avassalante. Cogitavam do que poderiam fazer a favor dos presos na sua *via crucis* de Icó a Fortaleza. Depois de refletidas deliberações e estudados planos de minoramento da angústia e suplício, por que passavam aquêles impávidos membros da família Alencar, resolveram os Queirozes, por proposta resoluta e inabalável do próprio Capitão Antônio Pereira, que êle, em companhia do filho Miguel Francisco de Queiroz, iria encontrar-se com os prisioneiros para lhes levar, ou ten-

tar levar-lhes, algum lenitivo. O entendimento do Capitão Antônio Pereira com o comandante da escolta foi tão maneiroso, persuasivo e convincente e a situação das vítimas da violência governamental melhorou tanto, que no primeiro pernoite, na Várzea das Bêstas, puderam fugir, embora no dia seguinte a escolta, orientada por José Pereira Carão, em cuja casa tinha havido o pernoite, na mencionada Várzea das Bêstas, conseguisse capturar os fugitivos, ainda na zona do Pirangi.

Essa passagem de 17 entre membros das famílias Queiroz e Alencar estreitou-lhes tanto os laços de amizade que, em 1824, quando Tristão Gonçalves, acompanhado de amigos, entre os quais membros da família Queiroz, seguiu para Santa Rosa, deixou a mulher Ana Triste e dois filhos na Casa-Forte, em companhia de Antônio Pereira e família. Entre êsses filhos, estava uma criança apenas de três anos de idade, que mais tarde foi o Cons. Tristão de Alencar Araripe, e que veio a falecer somente a 3 de julho de 1908, nas vésperas de completar 87 anos, na capital da República. — (“Cadernos de Lembranças”, vol. I, págs. 134-135.)

Quando da marcha sobre Caxias, no Maranhão (1823), época em que Tristão Gonçalves e Pereira Filgueiras já agiam de comum acôrdo, ao contrário do que se dera em 1817, contra o Major João José da Cunha Fidié, restos de resistência de portugueses contra a independência do Brasil, já proclamada desde 7 de setembro de 1822, acompanham aos dois futuros chefes da *República do Equador* no Ceará alguns Queirozes: No comando do 1.º e do 2.º batalhões de cavalaria de voluntários marcharam, respectivamente, os Sargentos-Mores Miguel Francisco de Queiroz, da irmandade da Casa-Forte, e Baltasar Lopes de Queiroz, dos moços do Tapuiará, batalhões revolucionários de Quixeramobim, o 1.º do comando do Tenente-Coronel Antônio Francisco de Queiroz Barreira e o 2.º do comando de Miguel José de Queiroz Lima, fôrças liberais “formadas e equipadas à custa dos próprios comandantes e de suas famílias que assim contribuíram para essa patriótica expedição”.

Antônio Francisco de Queiroz Barreira, mais tarde transformado em Antônio Francisco de Queiroz Jucá, como arauto



Juvenal Galeno



Rodolfo Teófilo



José Albano

FIGURAS  
DE  
NOSSA ACADEMIA



Cândida Galeno



Júlia Galeno



Henriqueta Galeno



Barão de Studart



General Carlos Studart  
Filho

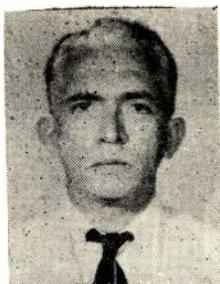


Tomás Pompeu

# FIGURAS DE NOSSA ACADEMIA



Tomás Pompeu  
Sobrinho



José Valdevino de  
Carvalho



Padre Valdevino  
Nogueira

## RÉVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

a liberdade, com a resistência e as vibrações da forte e dura madeira de lei a que associou o seu nome; e seu irmão Baltasar Lopes de Queiroz, destemido comandante de hostes da liberdade, ontem no pôsto de Sargento-Mor no comando de fôrças sôbre Caxias, no Maranhão, e depois no de Major em Santa Rosa, donde escapou à prisão no cavalo de seu ajudante de ordem, de quem, no teatro da luta não teve notícias, Manuel de Queiroz Lima Filho, filho de Manuel de Queiroz Lima, seu companheiro de comando em Caxias, de vez que o seu cavalo de montaria havia sido ferido de bala, no campo da luta, onde ficou morto.

Esperidião de Queiroz, bisneto de Jucá, escreve capítulos de "Antíga Família do Sertão" sôbre a *via crucis* do bisavô por oito longos meses, "numa caverna", na propriedade rural da ribeira do Trairi, na província do Rio Grande do Norte, de Bento José de Pontes, concunhado de Miguel José de Queiroz Lima, tio materno de Jucá. Pontes, com a assistência da angelical filha, guardou-o no mais absoluto sigilo, sem esquecer a ação do pardo Benedito, vaqueiro de Jucá que foi mais do que Sancho Pança para êsse nôvo Quixote. Ali Jucá aguardou, seguro, a anistia do ano da graça de 1826. Numa clara e linda manhã de fins d'água, junho do referido ano, Jucá recebe no seu Serrote a visita dos bons e fiéis amigos, Pontes, Angelina e Benedito, que lhe levaram a boa nova de 27 de maio de 1826 (anistia). E Esperidião assim arremata a notícia alvissareira: "Nesse mesmo dia, depois do festivo almôço, o feliz anistiado e seu fiel companheiro partiram para o Tapuiará nos mesmos cavalos e arreios ficticiamente vendidos; levaram apenas pequena matalotagem, pois que nesse fim de bom inverno havia fartura pelo caminho e principalmente porque a viagem seria rápida, visto ser grande a ânsia da chegada, depois de mais de oito meses de angustiosas preocupações quanto à sorte da família, deixada aos cuidados dos parentes". (Op. cit., págs. 139-140.)

Veio a anistia, porque Pedro I estava saciado do sangue generoso dos destemidos patriotas, embora Conde dos Arcos, Conrado Niemeiyer e outros celebrados condenadores, no seu triste e nojento ancilismo, desejassem continuar nas ma-

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

tanças humanas, na persuasão de que quanto mais sangue derramado mais se recomendariam ao amo e senhor. A essa ilusão dos áulicos deveram a vida o Padre Alencar e outras figuras das lutas liberais do primeiro quartel do século passado no Nordeste.

Do Riacho-Fundo, nas vizinhanças de Cascavel, surgiu José de Queiroz Lima, môço vindo da Serra Azul e do Curralinho, no alto Sitiá, com os seus genros Pedro de Queiroz Lima e João Aires da Silva Olival, três notáveis heróis que lutaram em Santa Rosa, ao lado de Tristão Gonçalves, onde ficaram prisioneiros de Manuel Antônio de Amorim, chefe dos imperialistas.

José de Queiroz Lima, filho do Capitão Antônio Pereira de Queiroz, da Serra Azul, e irmão do 2.<sup>o</sup> Capitão Antônio Pereira de Queiroz Filho, da Casa-Forte, ao lado de seu irmão Miguel José de Queiroz Lima, constituem dois dos quarenta "*Monstros, malvados que só mereciam fôrça*" da célebre lista de Costa Barros, o primeiro presidente do Ceará nomeado por Pedro I, deposto pelos liberais e repostado mais tarde pelo govêrno monárquico, como que marcado pelo destino para na sua curtíssima 2.<sup>a</sup> administração apresentar "sòmente" a famosa e infame lista ao govêrno da Nação. Esses dois irmãos, que constituíam dois dos mais notáveis liberais da família Queiroz, pelo destemor e atividade revolucionária, fizeram também parte da reunião do Grande Conselho, constituído de 455 representantes, cuja ata de 26 de agôsto de 1824, assinaram, na qual fêz o Ceará a sua adesão à *Confederação do Equador* e foi proclamada a *República do Equador* no Ceará, com Tristão Gonçalves de Alencar Araripe na presidência da nova república e seu companheiro de lutas, José Pereira Filgueiras, no comando das armas. Coube ainda a Miguel José de Queiroz (conforme observa o Barão de Studart, tomo-especial de 1924, pág. 356, da Rev. do *Instituto do Ceará*) fazer parte da proclamação da República, no Ceará, na Vila de Campo Maior do Quixeramobim, em 9 de janeiro de 1824.

José de Queiroz Lima, casado no litoral cearense (Aquirás) com Inácia Lopes da Costa, filha do Tenente-Capitão-Mor Francisco Xavier da Costa, fêz residência e domicílio

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no Riacho-Fundo, nas vizinhanças de Cascavel, em cuja casa de morada teve de hospedar notáveis figuras da política e do govêrno, entre as quais presidentes da Província, da qual era conselheiro, razão por que êle não pôde fazer parte da 1.<sup>a</sup> Vereança do município de Cascavel, instalado a 17 de outubro de 1833. (Vid. in "José Balthazar Ferreira Facó", de Boanerges Facó, pág. 124.)

Pedro de Queiroz Lima, de quem Jáder de Carvalho (Romance da família Queiroz) diz que fuge para o Riacho Fundo e Esperidião de Queiroz, seu neto, diz que "não desconhecia os riscos da aventura, mas não podia mais suportar as saudades da prima Francisca Helena (Francisca Helena Rosa de Lima, filha do tio José de Queiroz Lima, irmão de Antônio Pereira de Queiroz Lima da Casa-Forte, pai de Pedro de Queiroz) que lhe fôra prometida em casamento".

Pedro de Queiroz estava homiziado no Serrote da Onça, que, segundo José Facó, os heróis da República do Equador tinham transformado em "verdadeira sala de armas no meio do sertão", na Casa-Forte, que vivia cercada de "caçadores de republicanos", fôrças imperialistas, vindas de São João do Rio do Peixe, na Paraíba. No caminho, da Casa-Forte para o Riacho Fundo, à noite, quando havia esgotado a provisão d'água, saciava a sêde numa cacimba cavada no leito do Pirangi, foi prêso, algemado e conduzido para Fortaleza. "Os ferros, escreve Jáder, deixaram-lhe sinais indeléveis em ambos os pulsos. A anistia libertou-o dos grilhões." São as cicatrizes que lhe ficaram para o resto da vida nos pulsos e nos tornozelos, cicatrizes que Esperidião chama de "gloriosos estigmas que conservou até o fim de sua longa e abençoada existência".

Jáder de Carvalho ainda fala na ação de Pedro de Queiroz, quando êle era comandante da Guarda Nacional em Cascavel, em 1841, e a Província precisou de seus serviços na pacificação de Muxuré, em Quixeramobim. É que os conservadores, chefiados pelo Padre Antônio Pinto de Mendonça, vigário daquela Freguesia, no segundo govêrno José Martiniano de Alencar, de quem ficara inimigo, embora irmão em Cristo, na primeira e profícua administração de Alencar, por interêsses contrariados, pretenderam perturbar a ordem ali. Desejara

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Antônio Pinto ser vigário de Fortaleza e Alencar interessou-se pelo primo Peixoto de Alencar, que foi o nomeado.

O outro companheiro de José de Queiroz e de Pedro de Queiroz, João Aires da Silva Olival, tornou-se, por sua valentia e destemor, uma figura de lenda. Dizia-se que as balas não lhe penetravam no corpo devido a rezas fortes e que em momentos perigosos, de cujas dificuldades não se poderia sair, transformava-se num pilão ou em qualquer outro objeto inanimado. Era bem um herói do "Orlando Furioso", de Ludovico Ariosto.

Pedro de Queiroz continuou a batalhar, sem tergiversações, pelas boas causas. Assim é que lutou nas hostes dos presidentes abrilistas José Mariano e Martiniano de Alencar contra Pinto Madeira, notável caudilho e convencido "caramuru", e contra Muxuré, sem falar noutros muitos serviços à causa pública.

A família Queiroz militou sempre, de modo integral e completo, nas fileiras liberais, mesmo os Queirozes, da Santa Maria, fazenda de criar nas ribeiras do Sitiá, pertencente ao casal Barreira de Queiroz: José Lopes Barreira Filho e Helena Isabel de Queiroz, êle filho do Sargento-Mor José Lopes Barreira e de Isabel de Queiroz e neto de Baltasar Lopes Barreira e Antônia de Sá Barbosa, donos da fazenda Quixinxé, e ela filha de Antônio Pereira de Queiroz Lima e Leandra Maria Lopes Barreira, da fazenda Casa-Forte, e neta de Antônio Pereira de Queiroz e Helena de Oliveira Maciel, donos do sítio Natividade e da fazenda Currealinho. Dêsse casal o principal rebento é Antônio Cirilo de Queiroz, que se destacou pela inteligência e destemor e de quem tratei, longamente, no capítulo anterior desta obra.

Antônio Cirilo afastou-se das fileiras liberais por uma interpretação errônea de ato do presidente José Martiniano de Alencar. Alencar mandara fornecer certa fôrça a Cirilo para uma diligência na vizinha província do Piauí, onde havia sido, bárbara e traiçoeiramente, assassinado um irmão querido de Cirilo. Quando Cirilo foi receber a fôrça, de quem de direito, encontrou outro ofício de Alencar em sentido contrário. É que Alencar decerto, posteriormente, verificou que não tinha ju-

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

risdição no local em que se dera a morte por violência de Justino Antônio de Queiroz. Mas Cirilo não se deu por achado e abandonou, definitivamente, o Partido Liberal, em cujas fileiras militava com tôda a família Queiroz. Assim é que em Muxuré estêve em campo oposto ao do tio Pedro de Queiroz Lima, que ali comandava as fôrças legais. Cirilo estêve ali ao lado do chefe local Antônio Pinto de Mendonça, que deixou ilustre prole, contando-se entre os seus descendentes o Dr. Jo Damasceno Pinto de Mendonça, antigo luminar do Direito e da Jurisprudência na antiga capital da República. Com êle trabalhou anos a fio o meu irmão mais velho, Dr. José Baltasar Ferreira Facó, ora falecido, de quem recebi umas razões de Damasceno, de cêrca de cem tiras de almaço, por êle ditadas a José, no momento em que as elaborava, sem uma rasura ou emenda posterior. E no govêrno do General Clarindo de Queiroz, uma grande figura da Família, na época em que "todos nós somos Queiroz", Antônio Cirilo, primo do General, manteve-se na oposição.

Sem deixar Santa Maria: Da numerosa e opulenta família Queiroz da Santa Maria sobrevive Dona Henriqueta Sampaio Barreira de Queiroz, viúva sem filhos do primo Oberlim Barreira de Queiroz, ambos netos de Cirilo, ela filha de Justino Sampaio de Queiroz e êle de José Barreira de Queiroz, filhos de Cirilo. De Dona Henriqueta, senhora maior de 88 anos de idade, residente na fazenda Passagem-Funda, vizinha à Santa Maria, onde lhe morreram os pais e marido, recebi, há pouco tempo, carta de 10.7.1963, longa e do próprio punho, em cuja posdata ela diz que "ainda costuro, faço todo trabalho doméstico, não com tanta agilidade como na mocidade".

Voltando à tragédia do Tapuiará, de 12.2.1834, de que tratei no capítulo "Turbulentos e Trágicos".

A viúva donzela de Luciano Domingues de Araújo, Joana Batista Barreira, mais tarde contraiu novas núpcias. Casou-se com Francisco Alves de Lima, filho de João Batista Alves de Lima e de sua mulher Francisca Xavier Nogueira, também viúvo, do lugar Flôres, no Jaguaribe, que ainda era seu parente. Assim é que as irmãs Ana Maciel de Melo e Anastácia

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Maciel de Melo eram, respectivamente, ascendentes de Francisco Alves e Joana Batista. Entre os filhos do nôvo casal houve o Major Francisco Alves Barreira Cravo e o Coronel Inácio Alves Barreira Nanan, ambos com ilustres e dignas proles. Uma filha do Coronel Nanan, Maria Lessa Barreira, casou-se com o Des. Luís Gonzaga Gomes da Silva. Houve muitos filhos do casal, entre os quais o Dr. Stênio Gomes, cearense digno e ilustre, que foi aluno da Escola de Humanidades que manteve em Baturité, onde êle nasceu, por cêrca de três anos, cabendo à minha jovem e querida Espôsa a alfabetização de Stênio, circunstância a que êle sempre aludia com simpatia e carinho.

Stênio Gomes teve vida curta e brilhante. Ocupou os mais altos cargos na política e na justiça. Ascendeu à deputação federal e à presidência do Estado, à Procuradoria Fiscal e Geral da Justiça, tendo mesmo rejeitado o cargo de Desembargador.

Manuel de Queiroz Lima Filho, filho de Manuel de Queiroz Lima que foi um dos comandantes de novas tropas do Ceará enviadas a Caxias, no Maranhão, devido ao fracasso das primeiras, foi, inglôriamente, sacrificado em Santa Rosa. Foi gravemente ferido em combate e, em seguida, encontrado por um Amorim, sobrinho e genro de Manuel Antônio de Amorim, chefe das tropas imperialistas. O môço Amorim, compadecido do estado grave do inimigo, branco e bonito, levou-o para a casa do sogro, onde ficou aos cuidados do casal Amorim. Quando apresentava sensíveis melhoras, Amorim, saindo de casa a ligeiro negócio, deixou o ferido aos cuidados da espôsa. Um dos cabras de Amorim, aproveitando a ausência do patrão, penetrou no quarto do ferido e desfechou-lhe, na presença da senhora, tiro certo que o deixou sem vida. Amorim, com o estampido do tiro de bacamarte, voltou à casa e ficou fulo de raiva com o que se passara. Escolheu três cabras de sua confiança e mandou-os no escalço do fugitivo com as necessárias instruções. Os perseguidores alcançaram o assassino no povoado de São Miguel, no Rio Grande do Norte, onde o mataram e, como sinal do "serviço", trouxeram a Amorim uma das mãos do morto.

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Os Queirozes, envolvidos nas heróicas lutas pela liberdade e independência de sua pátria, eram mesmo destemidos e audazes.

Assim é que, um dia de domingo, José Baltasar de Queiroz, dos moços da Casa-Forte, e Manuel de Queiroz Lima, pai do Queiroz assassinado em Santa Rosa por cabra de Amorim, entenderam de ouvir missa em Quixadá. A princípio nada lhes aconteceu. Cumpriram com os seus deveres religiosos por assistência à missa. Após a missa, quando iam tomar as alimárias, amarradas à sombra de uma árvore, foram abordados por um agente de polícia, de quem receberam ordem de prisão. Mostraram-se obedientes e pediram permissão para ajeitar os cavalos. Com a assistência da autoridade êles se chegaram aos cavalos e, com presteza, os cavalgaram, tomando a direção de Fortaleza. Foram inúteis as tropas postas no seu encaço. À noite as casas de residência dos dois (Casa-Forte e Curralinho) foram postas debaixo de cêrco, mas sem resultado, porque êles estavam longe na direção de Fortaleza, onde se entenderam com as autoridades superiores da Província. Na Capital procuraram um amigo da família Queiroz. Entenderam-se com o Pe. José Monteiro de Sá Palácio, secretário de Azevedo e Sá, que no momento estava na presidência.

José Félix de Azevedo e Sá, que era um trânsfuga, um mau caráter, porém mais por mêdo de Lord Cochrane, pessoa da confiança do Imperador, perseguiu, torpemente, os amigos de ontem e correligionários das fileiras liberais... Azevedo e Sá, que estava sob as ordens de Jacob Niemayer, o feroz presidente do Tribunal de sangue, aquiescia à reclamação dos fugitivos, mas era preciso um entendimento com Conrado Niemayer, presidente da Comissão Militar, de quem devia emanar qualquer providência.

O homem mau teve um momento de brandura e mandou suspender a ordem de prisão contra membros da família Queiroz, salvo com relação aos irmãos Queiroz Jucá e Baltasar Lopes contra os quais havia processo em andamento na Comissão...

Era uma vitória retumbante dos dois Queirozes contra a ordem de prisão da autoridade de Quixadá. (Continua)